



ARTE, EDUCAÇÃO E EXPERIÊNCIA

Janaina Vargas de Moraes Maudonnet

Faculdade de Educação da Universidade Complutense de Madri

Especialização em Ética, Cidadania e Direitos Humanos na Educação

jymoraes@terra.com.br



Arte, Educação e Experiência

Janaina Vargas de Moraes Maudonnet

RESUMO

Se o destino da educação é a formação do ser humano, a arte, enquanto representação e expressão da relação do homem com o mundo, tem muito a contribuir nesse processo. Para isso é preciso vivenciar com ela uma relação de experiência, entendida como algo que nos modifica, leva-nos além do momento vivido, transforma-nos. São as relações entre educação, arte e experiência que esse artigo pretende discutir.

PALAVRAS-CHAVE

Educação; Arte; Experiência; Formação de Educadores; Humanização.

Introdução

Há muito tempo a educação é objeto de práticas sociais diversas e reflexões a respeito de seus fundamentos, formas e objetivos. Disse Fernando Savater, em seu livro *O Valor de Educar* (1998), que o destino da educação deve ser sempre o ser humano. Todas as pessoas nascem com predisposição para serem humanas, mas somente com a convivência com outros seres humanos chegam a sê-lo de fato. É no convívio com outras pessoas que aprendemos o que significa SER humano e existir em um mundo humano.

Nesse sentido, educar seria ajudar as pessoas a encontrar suas raízes, aquelas que nos identificam com outros seres humanos e que nenhum grupo, ou indivíduo, pode reivindicar como exclusivamente seu, tais como: *o uso da linguagem e dos símbolos, a disposição racional, a lembrança do passado, a previsão do futuro, a consciência da morte, o senso de humor, etc.* (SAVATER, 1997, pag. 187)

Buscar essas raízes não significa desconsiderar a diversidade cultural humana, pelo contrário. Se há diversidade é porque todo ser humano é capaz de produzir cultura. E se o homem é produtor de cultura, a arte é uma das formas de expressá-la.

A arte é uma realização específica dos homens, nenhum animal é capaz de produzi-la. Desde a antiguidade, quando os homens viviam nas cavernas, eles produziam arte e buscavam através de seus desenhos representar sua realidade. Mas, além de representar a realidade, disse John Dewey, a arte é uma forma de experiência que vivifica a vida e faz com que o homem se dê conta de que está vivo.

As obras de arte, mais do que representações, são imagens de sentimentos humanos, das relações do homem com o mundo, com o outro e consigo mesmo. E uma vez materializadas, estas formas passam a ser públicas e oferecem através dos sentidos e da imaginação, àqueles que são capazes de percebê-las, um sentimento peculiar frente à obra com a qual se defrontam.

Segundo Alfonso Lopes Quintás, a arte permite desenvolver capacidades visuais e criadoras, de onde proveem as imagens sensíveis, expressivas e imaginativas do homem. Mas, aprender a ver essas qualidades exige prestar atenção e cultivar a sensibilidade para ir além das aparências e buscar o sentido do que vemos e ouvimos.

Esse autor nos mostra que a arte intensifica nosso olhar porque não se detém na vertente objetiva dos objetos, mas penetra em sua condição de âmbitos¹, ou seja, em um tecido de realidade e relações.

Uma produção artística nos apresenta um conjunto de valores, sejam eles positivos ou negativos, tais como: dor, luta, nostalgia, esperança, amor e morte. Ela elogia ou condena, mas comenta o mundo e nos faz sentir algo frente ao objeto que apresentam.

Alberto Durero, por exemplo, ao gravar as mãos humanas encostadas uma na outra, no quadro *Mano que rezan*, não quis apenas representar duas mãos juntas, mas buscou plasmar um âmbito de súplica. Assim como Pablo Picasso, em seu quadro mais conhecido, *Guernica*. Nessa obra, mais do que representar figuras, é possível perceber um grande caráter expressivo, em que através da pintura branca, preta e cinza e das imagens distorcidas de homens e animais, provoca-se uma experiência aguda e dolorosa da guerra, da crueldade. Ao olhá-la detidamente percebe-se a ideia e os sentimentos que subjazem à imagem.

Portanto, se a arte é expressão de sentimentos humanos e representações de visões de mundo dos seres humanos que a produzem, ela tem grandes possibilidades de ativar nossa sensibilidade e permitir que sejamos mais humanos, mais implicados afetivamente com o outro e com o mundo, que afinal é a grande finalidade de uma educação humanizadora e democrática, tal como propôs Fernando Savater. Segundo a educadora Sonia Kramer:

É fundamental o papel da formação cultural de crianças, jovens e adultos, porque com a literatura, teatro, cinema, poesia, música, as conquistas da mídia, da informática e também com a escola podemos nos constituir como seres humanos críticos, imbuídos de uma ética e uma vontade de atuar em favor da justiça, da solidariedade e de um espírito de coletividade [...] (2000, p. 46).

Uma obra de arte - seja literatura, música, cinema ou artes plásticas - como pode impactar emoções, tem o poder de produzir aflição, criar vínculos e gerar coesão entre as pessoas. Porque quando algo nos impacta, também nos inquieta e nos faz refletir sobre o sentido da vida tanto individual como coletiva. A arte pode nos possibilitar pensar o sentido da vida e favorecer a utopia e o desejo de que as coisas sejam diferentes e melhores.

Através da imaginação e da vivência com a arte, o indivíduo é transportado a um variado mundo de pensamentos e sentimentos, de onde podem participar de reflexões e experiências de pessoas distantes de seu tempo e espaço. E através de um exercício de imaginação compreensiva, o sujeito pode ser levado a perceber que, ainda que as pessoas estejam distantes de seu entorno físico e temporal, há uma natureza comum entre os seres humanos.

Mas, o simples contato com a arte não garante essas qualidades. Nunca a arte foi tão divulgada e as produções artísticas de todo o mundo tão acessíveis e isso não quer dizer que as pessoas hoje são mais sensíveis ou capazes de penetrar no sentido mais profundo de uma obra.

Isto porque vivemos com a arte, muitas vezes, uma relação consumista, de fuga da realidade ou de diversão, como algo que nos permite passar o tempo. Estabelecemos com a arte uma relação passiva, distante, de meros expectadores desinteressados. Uma relação que não nos transforma, que não nos modifica, porque não possibilita estabelecer com a obra artística com a qual entramos em contato uma relação de inquietude, de comoção, de experiência.

E a experiência, como diz Jorge Larrosa, não é algo que vivemos um determinado tempo e que passa. Ao contrário, é algo que modifica, que *nos passa*, leva-nos para além do momento vivido e nos faz outros. O que a caracteriza é seu poder de transformação. Experiência significa *experientia*², é sair fora, passar através. Experiência é algo que nos passa e não que passa, ainda que vivamos em um mundo em que muitas coisas passem e não nos transformem.

A experiência, retoma Larrosa (2003), pede um gesto de interrupção, em que o indivíduo necessita parar, parar para pensar, para olhar, escutar, sentir as coisas mais lentamente, demorando-se nos detalhes, suspendendo a opinião, o juízo e o automatismo da ação.

Mas, além de parar, para ter uma experiência, é necessário também abrir-se à escuta, o que significa querer transformar-se em uma direção desconhecida em que se possa aprender com o outro (seja o outro uma obra artística ou um sujeito concreto) e com a transformação de si mesmo. Aquele que não se abre à escuta, diz Larrosa, cancelou seu potencial de transformação, pois se considera como a medida de todas as coisas. Lê, olha, escuta a partir do que sabe, do que quer e do que necessita.

A experiência nos surpreende e nos orienta na busca do novo. Nesse sentido, ela é como o olhar da infância sobre o mundo, pois a criança olha o mundo de forma aberta a escuta, com um olhar despido de conceitos e interpretações submetidas a esquemas fixos e pré-determinados, ela vive e sente os acontecimentos. E os acontecimentos, aponta Fernando Barcena, em seu livro *O Delírio das Palavras*, necessitam ser vividos porque é através deles que nos constituímos como sujeitos, já que o que somos e fazemos também é consequência daquilo que nos passou.

A experiência nos ensina a viver humanamente porque nos afeta, faz-nos sentir. Para compreender sensivelmente uma situação temos que nos implicar afetivamente e esta implicação nos torna mais humanos e mais próximos dos outros.

Mas a rotina do cotidiano, o mundo do excesso de informações, do estímulo fugaz e instantâneo destrói a possibilidade da experiência, de nos defrontarmos realmente com o estético e de perceber o sentido das coisas.

E aqui, a educação tem uma grande contribuição! É preciso que ela retome o sentido da experiência nas propostas vivenciadas pelos alunos. E para isso urge recuperar a dimensão da experiência na formação dos docentes. Docentes que são sujeitos e sujeitos à concepção de uma formação muitas vezes acelerada, de aproveitamento total do tempo, da informação desmesurada.

Os centros de formação docente precisam possibilitar vivências significativas aos professores e futuro professores para que eles possam viver a experiência em tudo que ela proporciona. Oficinas de música, teatro, movimento, artes visuais, visitas a centros culturais, museus, entre outras atividades, que ampliem aos educadores a oportunidade de contato intenso com a cultura de modo geral são algumas possibilidades que podem permitir retomar o sentido da experiência na formação.

Apenas se os docentes forem sensibilizados a respeito da arte como conteúdo fundamental para a formação humana, tanto através de vivências significativas como pelo domínio de seus fundamentos é que poderão trabalhar com todas as possibilidades que ela pode aportar.

NOTAS

1) Segundo o autor, nós nos movemos em níveis de vida. O primeiro nível é descrito por ele como o nível dos objetos, caracterizado pelas condições de posse, manejo e desfrute. Já o segundo nível, é chamado de âmbito porque se trata de ir além da condição de objetos e perceber as coisas como inter-relacionadas e dotadas de sentido. Uma folha de papel, por exemplo, pode ser considerada um objeto, mas, se há uma partitura nessa folha, torna-se um âmbito de realidade, pois revela algo e está cheia de significado. Ou seja, uma partitura, ainda que seja uma folha de papel, não é somente isso. A arte, diz Lopes Quintas se move no segundo nível justamente porque não é apenas um objeto, mas se trata justamente de um âmbito de realidade.

2) Experiência – Palavra em latim que significa: ato de haver sentido, conhecido ou presenciado algo. Circunstância ou acontecimento vivido por uma pessoa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÁRCENA, Fernando. *El Delirio de las Palabras: Ensayo para una poética del comienzo*. Barcelona: Herder Editorial, 2004.

_____ & Melich, Joan-Carles. *La educación como acontecimiento ético: natalidad, narración y hospitalidad*. Barcelona: Ed. Paidós, 2000.

DEWEY, John. *Arts as experience*. Nueva Cork, Minton, Balch and Company, 1934.

KRAMER, Sonia. *Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie*. In Seminário Internacional da OMEP. Rio de Janeiro, 2000. Anais. Rio de Janeiro, Organização Mundial para Educação Pré-Escolar, 2001, p. 34-53.

LARROSA, Jorge. *La experiencia de la Lectura: Estudios sobre literatura y formación*. Barcelona: Ed. Laertes, 1998.

_____. *Entre las Lenguas*. Ed. Laertes, Barcelona, 2003.

LOPEZ QUINTÁS, Alfonso. *El poder Transfigurador del arte*. San José, Costa Rica: Ediciones Promesa, 2003

MAUDONNET, Janaína Vargas de Moraes. *Crianças Cidadãs? A formação para cidadania na educação infantil*. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003

MAUDONNET, Janaina Vargas de Moraes. *Arte y Educación: Por una Pedagogía de la Estética*. Monografía de Curso – Facultad de Educación: Centro de Formación del Profesorado, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2004.

SAVATER, Fernando. *O Valor de Educar*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1998.